

Índice

Os imigrantes não resolverão a crise demográfica europeia.....	1
“A beleza é um mistério necessário na nossa vida”	3
“Valoración ética de la Modernidad según Alasdair MacIntyre”	4
“Toy Story 4”	4

Os imigrantes não resolverão a crise demográfica europeia

Aquando do Dia Mundial da População (11 de julho), foram publicadas diversas informações sobre questões demográficas. O Eurostat, o serviço de estatísticas da União Europeia, difundiu uma síntese da crise demográfica do velho continente: os dados refletem uma evidente disparidade, mas confirmam que o declínio se acentua nos países do norte, nos mediterrânicos e nos de leste.

Em conjunto, 2018 foi o segundo ano consecutivo em que houve mais mortes do que nascimentos. O aumento do número total de habitantes na UE – de 512,4 milhões em 2018, para 513,5 milhões em 2019 – deve-se à imigração.

Pelo seu lado, as mulheres imigrantes contribuem para aumentar a taxa de fecundidade em metade dos países europeus. Daí o interesse de uma recente [análise](#) publicada na revista do Institut National D'Études Démographiques de França, que analisa a incidência neste país da imigração nas taxas de fecundidade (ver “La France a la plus forte fécondité d'Europe. Est-ce dû aux immigrées?”, “Population et Sociétés”, n.º 568). As suas conclusões poderiam aplicar-se ao conjunto dos países europeus.

Embora a França esteja no grupo da frente (11,3 nascimentos por mil habitantes, depois da Irlanda, com 12,5, e da Suécia, com 11,4), também sofre o problema do crescimento natural

negativo. Poderá provocar uma mudança de sinal a maior natalidade entre a população imigrante?

Em termos absolutos, quase um quinto dos nascidos são filhos de mulheres estrangeiras. Mas o seu contributo não basta para assegurar a substituição de gerações, visto que a sua taxa de fecundidade também está a baixar, embora seja superior à das mães francesas. Numa perspetiva de futuro, a emigração não fará deter a descida de população, como muito menos, por exemplo, acontece [em Espanha](#) (ver “Una población envejecida, a falta de los hijos deseados”, “Aceprensa”, 20.3.2019).

Em França, são de origem imigrante somente 12 % das mulheres em idade fértil; contribuíram para 19 % dos nascimentos em 2017, 3 % mais do que em 2009: 143 000 de 760 000. Mas, em termos relativos, as imigrantes acrescentam apenas 0,1 filhos à taxa nacional de fecundidade, que graças a elas aumenta de 1,8 para 1,9 por mulher. Portanto, o seu impacto é limitado, embora ligeiramente superior ao de há dez anos. Como em França, as mães imigrantes contribuem para aumentar a taxa de fecundidade em metade dos países europeus, mas não serão determinantes no futuro.

Em síntese – salientam os autores do estudo –, “o resultado pode surpreender: a imigração contribui fortemente para os nascimentos, mas debilmente para as taxas de fecundidade. Pode-se entender isso com um exemplo fictício: imaginemos 75 mulheres autóctones e 25 imigrantes, com uma média idêntica de dois filhos por mulher nos dois grupos. As imigrantes contribuirão para os nascimentos numa percentagem de 25 %, mas sem modificar a taxa de fecundidade. A sua contribuição para a natalidade consiste simplesmente no facto

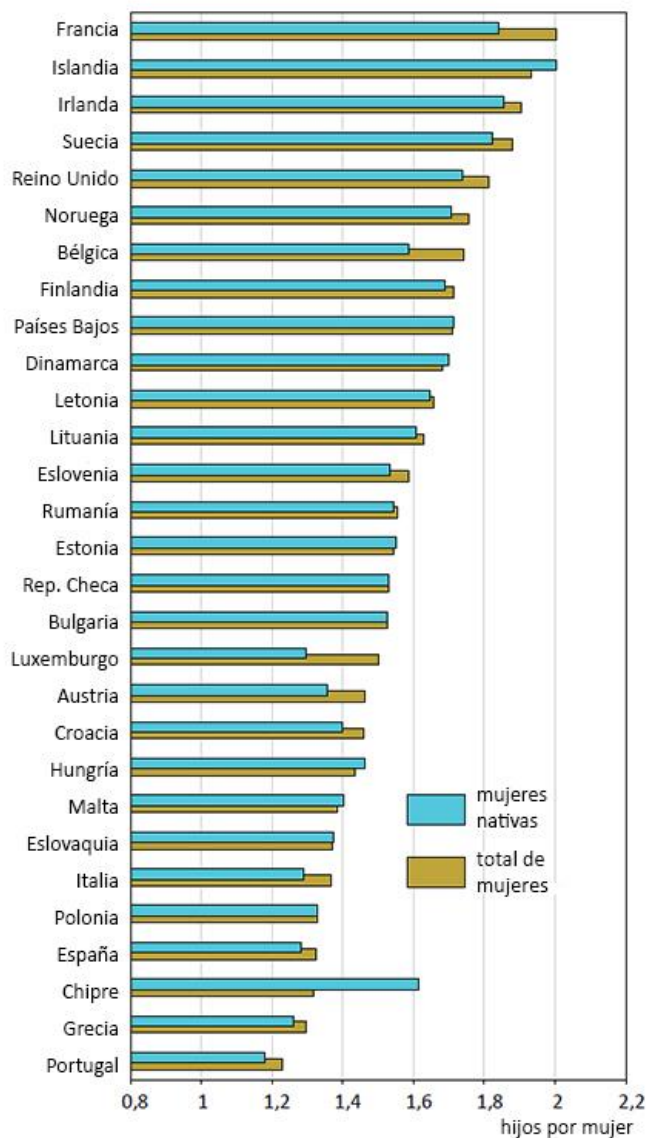
de que constituem 25 % das mães. Porque o número de nascimentos depende de dois fatores independentes: o número de mulheres em idade de ter filhos, e a sua propensão para tê-los. É um erro pensar que as imigrantes alimentam a taxa de fecundidade do país de acolhimento na percentagem dos nascimentos”. Em resumo, de modo a contribuírem para um aumento significativo da taxa, será preciso que constituam uma parte importante das mães e que a sua fecundidade seja superior à média.

Segundo os dados do censo francês de 2017, as imigrantes tinham uma média de 2,6 filhos, 0,8 mais do que as autóctones. A taxa de fecundidade mais elevada correspondia às mulheres dos países do Magrebe (3,5), seguidas pelas provenientes da África subsariana ou Turquia (3). Mas deve ter-se em conta que, entre 2014 e 2017, a taxa baixou em todas. Além disso, a tendência é que a taxa das mães de segunda geração – filhas de imigrantes nascidas já em França – tende a equiparar-se com a das autóctones, de modo semelhante às que chegaram ao país com muito poucos anos.

Em metade dos países europeus, as imigrantes contribuem para aumentar a taxa de fecundidade (ver gráfico mais à frente publicado em “Aceprensa”, 15.7.2019). Mas num em cada quatro, o seu número não é suficiente para modificá-la, como sucede na maioria dos antigos países comunistas do centro ou do leste da Europa. Inclusivamente, nalguns – Islândia ou Dinamarca – levam a fazer diminuir a taxa nacional. Um caso singular é a Holanda, onde as imigrantes representam uma parte importante da população, mas não influem estatisticamente, porque a sua taxa de fecundidade mal difere da autóctone.

A conclusão dos autores do estudo é que a elevada taxa de fecundidade francesa não se deve tanto às mães imigrantes como às autóctones. Para lá de fatores culturais de fundo, sugerem que se procure a explicação nas políticas públicas de apoio à família, as quais são especialmente favoráveis à maternidade.

Fecundidad de las mujeres nativas y del conjunto de mujeres en los países europeos (2014)



Fuente: Eurostat
Sin datos de nacimientos por nacionalidad de la madre para Alemania

S. B.

“A beleza é um mistério necessário na nossa vida”

Makoto Fujimura (Boston, 1960) é um artista acostumado a movimentar-se entre fronteiras: criado nos EUA e no Japão, onde se converteu ao cristianismo, pinta expressionismo abstrato com uma técnica tradicional japonesa; num mundo de pressas e ruídos, reivindica o silêncio contemplativo como via de acesso à beleza; de confissão protestante, é casado com uma católica; e embora se expresse artisticamente através da imagem, na palavra encontra outra aliada para estender pontes entre mundos afastados.

Diversamente dos que só veem o espaço público como um campo de batalha onde decorrem as mais encarniçadas lutas ideológicas – as chamadas “guerras culturais” –, Fujimura promove uma conceção geradora da cultura; isto é, uma que ultrapasse a desconfiança entre tribos para gerar algo novo, que beneficie a todos com mais beleza, mais esperança, mais generosidade, mais sentido...

Culture Care é a expressão que cunhou para se referir a essa visão, e o título de [um dos seus livros](#) mais importantes. Mais do que um terreno de conquista, explica, “a cultura é um jardim para cultivar”; um recurso comum – e aí incluem-se as gerações futuras – que nos é entregue para “administrar com cuidado”. Nomeadamente, Fujimura convida os artistas (e qualquer um que se considere catalizador social) a conseguirem converter-se em “cocriadores com o Artista divino na nova criação”.

Entre outras coisas, cuidar a cultura pressupõe parar com a obsessão contemporânea pelo “pragmatismo utilitário” e dar espaço à beleza, mesmo que à primeira vista seja confuso. É a experiência que Fujimura relata no início do livro. Pouco tempo depois de se casar, a sua mulher comprou umas flores para decorar o pequeno apartamento em que viviam. Tinham acabado há pouco o curso e chegavam com dificuldade ao fim do mês. Quando ele protestou por causa da despesa, ela recordou-lhe: “Também precisamos de alimentar as nossas almas”.

Esta lição – “Judy foi a artista” – fê-lo crescer, e está na base do que veio depois: o empenho em levar [“arte, amor e beleza”](#) a uma sociedade faminta delas. Mais de 30 anos depois, pergunto a Fujimura pelo valor da beleza quotidiana. E responde: “O papel da beleza na nossa vida é um mistério, mas um mistério necessário. Toda a minha vida é uma viagem a esse mistério da beleza”.

Para tentar desvendá-lo, escreveu outro livro, intitulado [“Silence and Beauty”](#). Nele aborda o drama tratado por Shusaku Endo no romance histórico [“Silêncio”](#), (“Chinmoku”) adaptado [ao cinema](#) por Martin Scorsese, de quem Fujimura foi assessor durante a rodagem: o silêncio de Deus perante o sofrimento humano, as dúvidas, a apostasia..., mas também a graça que salva através da debilidade.

Pergunto-lhe agora por outro tipo de silêncio: o que permite contemplar, rezar, pensar, escutar, fazer arte...

— *O que perde uma sociedade que marginaliza o silêncio?*

— Perdemos a nossa humanidade e a capacidade de estabelecermos comunicação. O silêncio é o maior presente que temos e, no entanto, aquele que mais receamos.

Antes de um conceito, *Culture Care* é uma proposta de mudança social encarnada em várias iniciativas. Em 1992, Fujimura arrancou com o The International Arts Movement (IAM, nas suas siglas em inglês), integrado no Fujimura Institute. Exemplo da colaboração que procura entre artistas é o projeto [FourQu4rtets](#), uma exposição realizada conjuntamente com outro pintor, um compositor e um teólogo em torno dos “Quatro Quartetos”, de T. S. Eliot.

Outro projeto é a adaptação teatral de [“A Festa de Babette”](#), um conto de Isak Dinesen (pseudónimo de Karen Blixen) sobre o efeito transformador de um banquete – todo um esbanjamento de generosidade e beleza – numa comunidade dividida. Esta obra simboliza bem o que pretende *Culture Care*. Fujimura explica-o a partir de uma citação da obra:

— “Um grande artista nunca é pobre”. Em vez de fazê-lo na escassez, Babette escolhe viver em abundância a realidade que tem pela frente. Tal é o papel e a responsabilidade de um artista.

— *Que contributo podem os artistas dar a um debate público extremamente polarizado?*

— Os artistas podem ser reconciliadores e pacificadores. É possível que os artistas sejam o único grupo que pode transcender o tribalismo atualmente. Os artistas necessitam de descobrir o seu papel de líderes através das suas criações.

— *Como influíram as crenças cristãs na sua ideia de cultura?*

— Cristo é a luz com a qual encaro tudo. Para mim, Deus é o (único) Artista. Daí todas as culturas, “cristãs” ou não, refletirem a presença universal e a graça de Cristo. O cristão deve abrir ao mundo os mistérios da Criação, como dom gratuito.

Em sintonia com o sociólogo [James Davison Hunter](#), a quem Fujimura cita, a obra do pintor japonês norte-americano (exposta em prestigiosos museus de Nova Iorque, Tóquio, Viena...) recorda uma verdade básica: o conflito e o poder existem, mas não são as categorias que melhor definem os cristãos. “Escrevo a partir das margens” – diz em “*Culture Care*” – “esperando falar ao coração dos que desejam procurar a verdade e encher de novo o mundo de beleza”.

J. M.

“Valoración ética de la Modernidad según Alasdair MacIntyre”

Autores: Hernando José Bello Rodríguez, José Manuel Giménez Amaya
EUNSA. Pamplona (2018)
266 págs.

Alasdair MacIntyre sempre se manteve afastado dos círculos académicos e, em vez de procurar obter o aplauso fácil comprometendo-se com os temas na moda, tentou avançar com contributos de um maior alcance. Alguns invocaram inclusivamente o seu nome para fazer propostas de carácter mais prático e político, como [Rod Dreher](#) (ver “Aceprensa”, 24.5.2017).

Associado num primeiro momento à corrente comunitarista, a sorte deste filósofo de origem escocesa foi diferente da de [Michael Sandel](#) ou [Charles Taylor](#), cujas propostas não têm a profundidade que foi alcançando com o decorrer dos anos o autor de “After Virtue”. Enquanto aqueles remendam os rasgos do projeto moderno, MacIntyre questiona-o com radicalidade e converte, como mostram Bello e Giménez Amaya, a crítica à Modernidade no elemento vertebrador de toda a sua obra.

Os reparos apresentados por MacIntyre são, principalmente, éticos, conforme indicava em “After Virtue” e recorda na sua última obra, “[Ethics in the Conflicts of Modernity](#)” (ver “Aceprensa”, 12.4.2018). Entre uma e outra abre-se um período de mais de trinta anos, nos quais além de acentuar a sua crítica à Modernidade e à sua debilidade moral, explora, graças ao zeloso estudo da tradição aristotélico-tomista – uma tarefa que também o ocupa hoje – as possibilidades de uma compreensão com maior prudência da vida moral. E salienta algo com importantes implicações políticas: o cancelamento da base racional das decisões – numa palavra, o subjetivismo –, devasta a ordem moral e comunitária.

Este breve ensaio inclui mais do que anuncia o seu título: é uma sólida introdução ao pensamento de MacIntyre e traça um perfil global deste filósofo por vezes injustamente relegado, assim como a sua bibliografia completa. Os autores insistem em que o contributo principal deste pensador foi o de reivindicar a noção aristotélica de práxis, preservando-se a referência aos fins da ação humana tanto como a sua objetividade. Expõem, em última análise, a forma como invoca o pensamento clássico para encontrar alternativas aos desvios que deteta no alvorecer do mundo moderno.

J. C.



“Toy Story 4”

“Toy Story 4”

Realizador: Josh Cooley
Duração: 100 min.
Ano: 2019

Este filme de animação segue as aventuras de um conjunto de brinquedos onde o trabalho de equipa é a nota dominante em qualquer das suas iniciativas.

O líder dos brinquedos, Woody, sabe ganhar a confiança de todos os outros elementos do grupo através de gestos concretos, que são “comprovativos” de como quer o bem para cada um deles. No entanto, apesar de ser o líder indiscutido, sabe que só se conseguem alcançar os objectivos propostos se funcionarem em conjunto. Ele conhece bem as capacidades de cada um e, por isso, gosta de ouvir a opinião deles, pois proporcionam-lhe pontos de vista diferentes que contribuem para a solução dos problemas. E mais, sabe que há tarefas que só com o contributo de todos se podem levar a cabo. Valoriza cada um deles pelo que é e, em contrapartida, os outros ao sentirem-se estimados, irão dar o melhor de si em cada ação a desempenhar. Se um falha, sabe que não está só, sabe que faz parte de um grupo a lutar por um objetivo comum pelo qual vale a pena esforçar-se. Há opiniões divergentes, mas os desafios já ultrapassados em conjunto, ajudam a compreenderem-se entre si. O trabalho em equipa torna-se assim galvanizador, inspirador e um fator essencial de sucesso.

Tópicos de análise:

1. O *teamwork* potencia as capacidades de cada um.
2. Saber-se parte de um grupo coeso estimula o desempenho pessoal.
3. Contar com várias opiniões ajuda a acertar nas melhores soluções.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

